O MESTRE DA OBRA

ATALIBA CARNEIRO E SILVA

O MESTRE DA OBRA

ATALIBA CARNEIRO E SILVA

Copyright © Ataliba Carneiro e Silva, 2013.

Preparação: Ataliba Carneiro e Silva
Revisão: Ataliba Carneiro e Silva
Diagramação: Ataliba Carneiro e Silva
Capa e ilustração: Ataliba Carneiro e Silva
Hospedado no site: www.clubedeautores.com.br

Silva, Ataliba Carneiro e, 1967.
O inodoro perfume da farsa/ Ataliba Carneiro e Silva. – Formosa-Go: 2013.
143p. : 21 cm

Edição: (1) (2013)
ISBN: 978-85-916872-2-0
Número de páginas: 143
Tópico: Biografia
Palavras-chave: Pai, memória. CDD: 920

2013
Todos os direitos dessa edição reservados a
ATALIBA CARNEIRO E SILVA
Rua 5 Quadra D Lote 15 Setor Vila Carolina Formosa-Go
70803-240- Formosa-Go.
atalibasilva@hotmail.com



Para minha mãe exemplo de amor, meus irmãos meus pilares, Luciene meu equilíbrio, meus filhos minha vida.

CAPÍTULO I

Maná

20 Eles, porém, não deram ouvidos a Moisés, antes alguns dentre eles deixaram dele para o dia seguinte; e criou bichos, e cheirava mal; por isso indignou-se Moisés contra eles. (Êxodo)

Faltava meia hora para as sete da manhã quando, num élan, precipitei-me da cama em direção ao banheiro. Como de costume trajava apenas a velha bermuda cinza de algodão, a mesma que sempre usava para dormir. Não sendo adepto dos pijamas, o dorso nu denotava minha despreocupação em não usar camiseta na hora de ir para a cama.

Ligeiramente excitado, havia me preparado durante toda a semana para o aguardado passeio de moto naquele domingo de sol do dia vinte e seis de junho. Era o encontro anual com os amigos do moto clube virtual do qual sou afiliado e participante assíduo.

Uma rápida passada de olhos pelo quarto fez com que eles mirassem a direção da minha amada que ronronava em sono profundo, com um insuspeito, quase invisível sorriso de satisfação após a noite de amor que nos precedera o repouso. Vendo-a esparramada sobre a cama pensei:

−Como é linda!

Meus olhos percorreram aqueles longos cabelos, os cílios enormes cerrados, os lábios que se tornavam mais lindos inchados pelo efeito da noite de sono, parte dos seios que ficava à mostra...

−Continuavam atraentes mesmo após tantos anos e três filhos.

Sim, eu ainda a amava. No meu modo de pensar, após um período de relacionamento, e isso varia de pessoa para pessoa, o espírito se reveste do amor e passa-se a enxergar os

atributos físicos estáticos, sem os efeitos do tempo, estão ali como no primeiro dia. A alma não envelhece.

A pausa em frente ao espelho foi para contemplar meu próprio semblante. O rosto que, apesar da idade, ainda não trazia aparentes as marcas do tempo, a barba num tom arruivado, a cabeça sem um fio de cabelo, isso foi inevitável, o sorriso que sempre foi elogiado e toda expectativa pelo dia que estava apenas começando.

Após o banho, enquanto me vestia frente ao espelho, repentinamente veio à mente a constatação do quanto havia alimentado de expectativas a minha vida e do quanto as pessoas do meu ciclo, inclusive na infância, depositaram esse cordel de esperanças naquele moleque franzino, de uma alegria contagiante e inteligência acima da média para os padrões da época ou para o meio em que vivia. "Esse vai ser doutor", diziam uns, "vai ser um grande advogado" outros balbuciavam. Essas considerações enchiam de orgulho meu pai que, em retribuição, cobria-me de mimos.

Tais reminiscências fizeram-me enxergar através do reflexo no espelho e chamaram atenção para um cantinho longínquo do cérebro onde repousam lapsos de alegria, convívio familiar, pequenos prazeres, paz, enfim, tudo que nos esquecemos de revisitar na medida em que o tempo decorre e as responsabilidades travestidas de problemas passam a comandar as atitudes.

O Hipocampo. Já deveria haver ali uma trilha permanente, pensei, para que estivesse sempre retornando a ele, porquanto, nada havia de mais renovador para a alma que uma incursão naquele ádito de delícias.

Então as memórias afloraram. Como um vidro temperado estilhaçado, miríades de lembranças fragmentadas emergiram na minha frente formando um mosaico de memória

dos agradáveis momentos passados ao lado de pessoas importantíssimas no processo de construção da minha personalidade.

Aos quatro anos de idade já me vestiam como “Doutor”. Minha madrinha Diva, efígie da mulher austera, presenteou-me com um terno na cor azul, confeccionado pela tia Laurita, costureira de mão cheia, que prazenteiro vesti com uma camisa branca de mangas longas em conjunto com um par de botas de fivela.

Todo esse indumento se destinava a uma ocasião especial: O batizado na imponente Paróquia São Sebastião dirigida pelo padre Luiz, um velhinho italiano de sotaque carregadíssimo, sisudo e com a boca torta. O silêncio sepulcral precedeu a voz do sacerdote que ecoou pelas paredes da santa casa:

−Ataliba Carneiro quer batizar?

−Sim!

Respondi entusiasmado.

Algo que restou abalizado foi ouvir a voz da minha prima Sueli estrondar num sonoro “Não” quando do mesmo questionamento logo em seguida à minha resposta, deixando atônitos a plateia e principalmente o padre. Todos acorreram a mandar que ela seguisse o exemplo do seu primo, que era lindo, educado e que seria “Doutor”. Eu tinha quatro anos e, já, uma grande responsabilidade: era referência até mesmo para os irmãos e primos mais velhos, no entanto aquilo não pesava sobre os meus ombros. Ainda.

Quando se é criança não se tem o receio de se tomar quaisquer atitudes, pois até mesmo as “artes” são aplaudidas pelos adultos, ocorre que na medida em que crescemos inibimos esses movimentos naturais e resta-nos apenas o gesto mecânico

de aplaudir quando na verdade queríamos era estar ali dizendo ”Não” bem alto ao padre.

Depois da cerimônia veio a festa. As festas da família eram do meu ponto de vista espetaculares. O Clã enorme formado por um bando de homens rudes, sem estudo, egressos do semiárido-nordestino já devidamente adaptados à vida urbana. Verdadeiros super-humanos nos canteiros de obras, cavando buracos de até oito metros de profundidade com ferramentas de mão, carregando sacos de cimento nas costas, traçando concreto, erguendo paredes durante todo o dia com apenas um cafezinho pela manhã e a marmita requentada ao meio dia.

As mulheres, também de personalidade forte, eram dedicadas ao extremo aos filhos, aos maridos e às coisas da casa, à espera dos seus amores naquele espaço humilde, bem cuidado, zelosas que eram de tudo que dissesse respeito ao lar.

Os fragmentos de memória levaram-me à casa da minha avó materna que se constituía no ponto central para onde todos convergiam quando desses eventos familiares. Um barraco de tábuas cuidadosamente pintadas de azul, com o piso de cimento, aconchegante como são as casas das vovós. O banheiro o qual todos chamavam de “casinha” era um conjunto de tábuas erguidas na vertical, cobertas por telhas com um profundo buraco no centro, cuja porta para se manter fechada tinha um pedaço de arame como chave e se localizava nos fundos, separado da casa. Na frente um poço donde se retirava a água para todos os serviços domésticos, que todos simplesmente chamavam “cisterna”.

Certa vez minha prima Antônia, mais velha, disse-me que a “Mãe D’água” um ser metade mulher, metade peixe, com longos cabelos compridos habitava a cisterna e, se porventura um dia eu caísse lá ela me devoraria. Convivi por anos com o

medo, até aquilo sair naturalmente da minha cabeça. Esses temores, filosofei tempos depois, só nos deixam em definitivo quando se atinge certa maturidade, se eles continuarem a te assombrar eis aí um motivo de preocupação.

Alguns meses depois ela caiu na "casinha". Uma tábua se rompeu pelo efeito do tempo e a prima Antônia desceu buraco abaixo. A cena se desenhou horrível quando ela foi resgatada. Imunda, com larvas subindo-lhe pelas pernas e sujeira até a altura do pescoço. Novamente os pensamentos filosóficos assomaram-se:

−Ainda bem que a Mãe D'água não habitava a "casinha". Seu lar era a cisterna, senão teria devorado ela.

A casa da vovó era o espaço que abrigava a todos como se fosse um coração gigante onde a felicidade pulsava. Ali aqueles homens desabridos transmudavam-se em sensíveis acordeonistas, dedicados zabumbeiros, ritmados triangueiros e exímios vocalistas. A festa era bonita e longeva, o contato com a família se fazia tão prazeroso que torcia para que durasse uma eternidade e não somente aqueles domingos.

Recordo-me, porém que o coração em forma de casa não abrigara somente às festas. Diversos velórios foram presenciados por mim naquele barraco de tábuas azuis. Demasiado criança, não entendia o porquê de ter que vestir roupa nova se todos estavam tristes. Mulheres choravam copiosamente e os homens conversavam em tom muitíssimo baixo. Não se ouviam aquelas gargalhadas que cortavam o ambiente como trovões, nem o som da sanfona ou zabumba, sempre presente em outras ocasiões.

As crianças mais novas brincavam sem compreender direito o que se passava. Corriam em volta da casa e de vez em quando estancavam e perguntavam o motivo do choro de algum adulto que lhes atravessava o caminho.

Uma dessas desditas surgiu em minha memória na forma da imagem da tia Dagmar, desolada chorando à morte do tio Rubens. Disseram que ele fora picado por Barbeiro. Na condição de criança corri à procura de informações para entender como um pequeno inseto levava a óbito um negro alto e forte como aquele.

Se pautasse pela Bíblia poderia até traçar um paralelo com a luta de Davi em oposição ao gigante Golias, nesse caso controverso uma peleja do bem contra o mal em que o mais fraco vence o mais forte. Na minha analogia infantil o tio Rubens simbolizava o lado bom, mesmo com aquele gigantismo todo, enquanto que o inseto representava, sem sombra de dúvidas, a encarnação do mal.

Na verdade tudo se resumia ao descaso do governo, o verdadeiro vilão, com a saúde pública. Uma indiferença com o povo oriundo dessa região tão sofrida como é o Nordeste. Ao que se vê nos dias de hoje, não houve sensíveis mudanças quando o assunto diz respeito à saúde populacional.

Restava-me, além do questionamento íntimo, lobrigar, consternado, a imagem sofrida das pessoas, num conformismo desconforme, que foi a maneira como vi aquela mulher desesperada vertendo lágrimas sobre a velha poltrona colocada na sala da casa.

Dias depois, em visita à vovó Raimunda, vi a tia Dagmar no mesmo sofá e com a mesma roupa preta. Dessa vez ela ressoava um choro mais contido e ao fundo a voz de Julio Iglesias completava o cenário de consternação. Talvez a saudade batesse forte e essa voz romântica deveria ser a que embalou suas noites de amor com tio Rubens. Nesta ocasião chorei também. No velório não sei por que não consegui.

Ao final seguíamos para o cemitério em cortejo. Nessas horas via uma família tão unida quanto nos momentos festivos que eram graças a Deus a maioria.

Em todas as ocasiões os homens se reuniam respeitosamente em torno do vovô Francisco, o Chico Baiano, e conversavam enquanto bebiam e fumavam. Ele tinha um jeito firme, mas era maleável. Aquela parede de severidade escondia um homem condescendente, um vovô como aquele das histórias. Havia perdido o braço aos quarenta anos de idade numa contenda no Estado do Maranhão. A tendência à Filosofia fazia o menino franzino que eu era olhar admirado aquele homem gigante, ostentando apenas a metade de um dos braços e conjecturar:

−Como ele impunha aquele respeito todo mesmo aleijado?

Sabia que fora sanfoneiro dos bons antes do ocorrido. No acordeão, as melodias são executadas pela mão direita em uma, duas ou três fileiras de botões. A mão direita para o acordeão aciona os botões que estão dispostos segundo a ordem das escalas cromáticas. Estas são compostas de doze notas com intervalos de semitons entre elas. Os baixos e acompanhamentos são tocados pela mão esquerda, onde os botões produzem notas graves (baixos) e acordes.

Ironicamente no momento em que foi atacado covardemente pelas costas, ele empunhava uma faca na mão direita.

O fato é que no ápice da sua condição física se viu apenas com um braço e teve de se adaptar às mais comezinhas coisas como abotoar a camisa usando apenas uma mão. E junto com isso veio toda uma carga psicológica que não foi tratada à época por evidente falta de condições médico-hospitalares.

Em minhas divagações me perguntava como o vovô entendia essa coisa complicada e reproduzia como nenhum outro os sons maravilhosos que embalavam as festas do seu tempo? Como conseguiu sobreviver com aquele ferimento num lugar tão desprovido de recursos?

Enquanto fazia pose para os retratos, ouvia histórias sobre meus pais, meus tios, vindas deles mesmos ou de algum outro parente que se sentia bem em reunir as crianças em volta e contar as aventuras e desventuras dos nossos ícones familiares.

Narraram que quando do infortúnio, o pedaço do braço do meu avô ficou dependurado pela pele e ele o arrancou e o carregou consigo. O ferimento necrosou e vovô passou dias sendo levado, numa rede, de uma cidade para a outra à procura de tratamento, com aquilo que sobrou do seu braço exalando um odor somente suportável para os entes familiares que por amor o transportavam. Também fiquei sabendo que a quimioprofilaxia aplicada variou da borra do café ao leite materno, fora outras pajelanças descritas, mas que não é possível reproduzir com exatidão.

Este era o Chico Baiano. Viveu até 1989. Eu contava 22 anos de idade quando ele nos deixou. Não se pode dizer que um pilar ruiu, porquanto a biografia deste homem serviu de estrutura e até hoje é supedâneo familiar em todos os sentidos.

Os antropólogos dizem que o principal propósito dos totens é contar uma história por meio de símbolos. Pois bem, a história dos homens da nossa família deve ser contada à luz de um olhar sobre esse totem chamado Chico Baiano. Seu dom artístico, seu instrumento musical, sua firmeza, altivez, formosura, seu braço amputado, sua luta, sua superação e seu amor. Eis aí todos os nossos símbolos.

Posteriormente vim a aprender que a história é que faz o homem e não a totalidade de seus membros. Quando já adulto

pude enumerar todos os homens que sofreram acidentes nas mãos no âmago da nossa família, incluindo aí meu pai. Ele teve a infelicidade de aleijar dois dedos da mão numa serra elétrica durante a execução de um trabalho numa obra. Mas isso não o impediu de seguir trabalhando e, principalmente, de tocar sua sanfona.

Em todas as ocasiões o meu pai era conclamado a dizer algumas palavras, isso se dava em virtude de ele ter um grande poder de articulação, profundo letramento e conhecimento de vida, além de contar com a admiração de todos.

Foi meu pai Agostinho o pioneiro nestas terras, tinha que ser ele. Quando garoto foi expulso da Escola porque sabia demais. Em dada ocasião o professor passou uma longa questão que envolvia a "prova dos nove" e após recolher e conferir os resultados se surpreendeu com a resposta dele. Era a única que estava diferente dos demais inclusive da dele professor. O docente perguntou se não queria mudar sua resposta e com firmeza respondeu que não. Era um menino, mas sua convicção já refletia sua forte e intrínseca personalidade.

O professor disponibilizou a questão no quadro negro e passou a corrigi-la juntamente com a turma e para a sua surpresa chegou ao ponto que passava despercebido inclusive por ele. O Agostinho foi lá então e apontou onde todos erravam. No dia seguinte meu avô Manoel foi chamado à escola e o professor disse:

−Seu Manoel eu tenho que devolver o Agostinho para que o senhor procure outro local para ele desenvolver seus estudos, pois esta escola está muito pequena pra ele.

Sem condições de transferi-lo para uma escola que tivesse um ensino mais avançado a solução encontrada pelo vovô Manoel foi mandar meu pai, na época um garoto, para a